

O guia das ruas

Um olhar em constante movimento

JÚLIA MACHADO, MONISE NICODEMOS, STEPHANY SANTOS E VERÔNICA FERREIRA



Ele a percorre em cada espaço com olhar crítico e postura observadora. Ela, ora arisca, ora tímida, oferece diferentes personalidades para serem conduzidas por entre suas curvas e retas. Ao fim, a relação entre os dois é de dependência: o taxista não apenas necessita da rua para exercer a profissão, mas contribui para que ela se mantenha notória.

Circulando pela cidade, os taxistas são um misto de *flâneur* e antropólogo, capazes de distinguir seus detalhes em meio à multidão. Conhecer os lugares e identificar os potenciais passageiros é fundamental para sobreviver na profissão. Dentro do carro, transitam na companhia das mais diferentes pessoas. E entre os espaços públicos e particulares, tornam-se, eles mesmos, personagens e narradores da própria história.

Centro do Rio, um caso particular

Benilton Correia, 45 anos, não viu grandes mudanças no ponto, localizado no Centro do Rio, em que fica com seu táxi desde os 25 anos de idade. Conhecida por ser um dos principais acessos à extensa e homônima praça pública, a Rua da República também tem como ponto de referência o Corpo de Bombeiros. É uma das principais passagens para o Saara, importante centro comercial popular do Rio.

As ruas do Saara – República do Líbano, Alfândega e Senhor dos Passos – estão sempre repletas de gente e de lojas, em um misto de cores, sons e movimentos que levam ao encontro da Rua Uruguaiana, uma das mais conhecidas do Centro. Neste espaço agitado, entre a Praça da Carioca e a Avenida Presidente Vargas, há uma longa fila de táxis. Ali, ao lado dos respectivos carros, os taxistas observam os rostos apressados de seus clientes.

Rua Uruguaiana

Paulo Barreto, com mais de 30 anos de profissão, sempre fez ponto na Uruguaiana e gosta muito de trabalhar no local: “A Uruguaiana é muito bela. Mais bonita ainda são as mulheres que passam por aqui”, diz. Ser taxista ajudou a perceber as mudanças ocorridas

ao longo do tempo. “Algumas ruas mudaram de mão, outras foram abertas, além das estradas... E mais passarelas foram construídas, aumentando o número de pedestres”, conta Paulo.

O taxista Luiz Alcântara, 27 anos, é outro que admira a Rua Uruguaiana. Seu ponto fica em frente ao camelódromo. O local é uma referência pelo aglomerado de pessoas, lojas, barraquinhas – com os mais variados tipos de produtos *made in China* ou *made in Taiwan*, e jovens entregadores de papeizinhos com propaganda de clínica dentária, empréstimos a juros baixos e sexo pago: R\$ 10,00 a hora, com direito a um chope.

Foi em busca dessa agitação que Luiz saiu de Cabo Frio, onde morava há três anos. “Lá as ruas são muito calmas, as pessoas também. Eu gosto muito de movimento, por isso que eu voltei para o Centro do Rio. Acabei trabalhando aqui na Uruguaiana”. Luiz é taxista há apenas um mês, mas já observou bem como é o local de trabalho. “Nesta rua o clima é mais povão. Há turistas, nordestinos, cariocas... O Centro é muito diversificado”, opina.

Luiz descreve as peculiaridades das vias públicas, mesmo próximas umas das outras, como a Uruguaiana e a Avenida Rio Branco. “As ruas são também locais de discriminação. Aqui você vê pessoas mais simples. Já na Rio Branco, as pessoas se vestem de

“A Uruguaiana é muito bela. Mais bonita ainda são as mulheres que passam por aqui”

Paulo Barreto

outra maneira, é uma avenida de mais acesso, a via arterial da cidade. E por mais que a Uruguaiana tenha muito comércio, a Avenida Rio Branco tem mais prédios que ajudam a se localizar, como o Edifício Central”, define Luiz.

Aspectos da profissão

Ao fim da Rua Uruguaiana está a Avenida Nilo Peçanha. É fácil identificar a área, entre a Praça Tiradentes, a Praça Carioca, a Uruguaiana e a Rio Branco. “Ela não mudou nada nestes cinco anos que estou aqui”, informa o taxista Fábio Barbosa, 38 anos, que complementa: “por isso ela é fácil de ser encontrada”.

Enquanto aguarda o próximo passageiro, Fábio ajuda transeuntes perdidos. “Onde fica a Rua da Assembléia?”. “Sabe me dizer como chegar à Presidente Vargas?”. O taxista explica pacientemente. “É só ir até o final desta rua aqui e virar à esquerda”, ou “entra nesta aqui e vai até o fim dela, que você vai dar de cara com a Presidente Vargas”. Após os agradecimentos, Fábio, um negro alto e corpulento, sorri e comenta, achando graça: “Além de ser taxista, eu sou um informante das ruas, um balcão de informações”, diz.

Foi o desemprego que fez com que Fábio seguisse a profissão do irmão. Já Eduardo dos Santos Nogueira, que trabalhava no setor de telecomunicações, há dois anos e meio trocou a antiga profissão atraído pela oportunidade de ganhar mais com o táxi.

“Liberdade é algo que o profissional da área sempre terá. Mas a profissão é sacrificante. Há muita violência hoje. Ser taxista é bom porque se ganha razoavelmente bem e se conhece vários lugares”, avalia Eduardo.



Acima momento de lazer na rotina de trabalho. Ao lado o Saara onde se vende de tudo





O movimento nas ruas do Saara

Outras histórias

Por presenciar as mais diferentes situações nas ruas, taxistas costumam ter muitas histórias para contar. Benilton já teve até uma briga de casal em seu carro, na qual a mulher estapeou o homem para que ele calasse a boca. Paulo “levou uma volta” de um cliente – gíria usada pelos taxistas quando o passageiro não paga a viagem.

***“Além de ser taxista,
eu sou um informante
das ruas, um balcão
de informações”***

Fábio Barbosa

Luiz foi testemunha ocular da briga de um casal gay, e viu, através do retrovisor, o namoro reatado por um longo beijo.

As histórias do cotidiano se transformaram em livro pela iniciativa de Mauro Castro, taxista há 21 anos em Porto Alegre (RS). A profissão surgiu como uma segunda opção de trabalho para o então desenhista publicitário.

“Comprei o táxi com um dinheiro que tinha economizado. Logo descobri que o motorista que trabalhava para mim ganhava mais do que eu. Como não dou bola para convenções do tipo ‘olha que emprego legal que eu tenho’, peguei o táxi e fui trabalhar. Hoje é o meu ganha-pão”, conta Mauro.

Até chegar ao livro, Mauro começou escrevendo sobre a profissão, a convite de um editor do jornal Diário Gaúcho. Logo depois teve a idéia de criar o blog *Taxitramas* (<http://www.taxitramas.blogspot.com.br/>), que está no ar há quatro anos. O blog fez tanto sucesso, que a editora Sulina o convidou para lançar, em 2006, o livro *Taxitramas – Diário de um taxista*.

Apesar de achar a profissão desprestigiada, Mauro não reclama e prefere ver o lado positivo do convívio com pessoas interessantes. Do volante do carro, ele pode acompanhar as transformações da capital gaúcha.

“A cidade ao mesmo tempo amadurece e tem uma eventual decadência. Bairros residenciais se transformam em áreas empresariais. Isto mostra como a cidade é dinâmica. Para mim, era um local lúdico, mais aprazível. Hoje, a transformação visível nas ruas de Porto Alegre é o empobrecimento da arquitetura. A beleza, aos poucos, dá lugar à praticidade”, analisa o ex-desenhista.



Dados e números

De acordo com o IBGE, o setor de transportes reúne hoje cerca de 2,5 milhões de trabalhadores, representando 7% do PIB do Brasil. Os táxis estão incluídos nesses números. Atualmente, cerca de 76% dos municípios contam com serviço de transporte por táxi.

Segundo o Sindicato Estadual dos Taxistas do Rio de Janeiro, a cidade agrega aproximadamente 30 mil táxis, perdendo apenas para São Paulo, que tem cerca de 55 mil.

Os dados da Secretaria Municipal de Transportes do Rio revelam que a cidade possui cerca de 470 pontos de táxi credenciados com vagas destinadas a 2.600 taxistas.

Na maior parte do Brasil e do mundo, os taxistas trabalham com licenças emitidas pelo Poder Público.

Esta licença comumente adquire um valor de mercado, variando de cidade para cidade. No Rio de Janeiro, uma licença ou alvará, como também é conhecida, custa cerca de R\$ 60 mil, e dependendo do ponto de estacionamento, pode chegar a R\$120 mil.

Portanto, não basta apenas ter um carro para se tornar um taxista. É preciso ter um veículo com uma licença específica. Para aquelas pessoas que não puderem ou não quiserem gastar com uma licença, o jeito é trabalhar com um táxi de frota – veículos disponibilizados por empresas em troca do pagamento de um valor diário, semanal ou mensal.

No Rio de Janeiro, há dois tipos de táxis com tarifas e serviços distintos: os convencionais e os especiais. Os táxis convencionais são os que possuem a cor padrão

(amarelo com faixas azuis nas laterais) e operam por taxímetro. A bandeirada custa no mínimo R\$ 4,30, e o quilômetro rodado varia de R\$1,15 (nos dias úteis e aos sábados, das 6h às 21h) e R\$1,38 (no período noturno de segunda a sábado, além de domingos e feriados). Já os táxis especiais são aqueles organizados em cooperativas. Só há padronização de pintura entre os táxis de uma mesma cooperativa. As tarifas desses táxis são, em média, 80% mais altas do que as tarifas convencionais porque os táxis que operam nesta categoria não podem pegar passageiros ao longo do percurso. Somente o podem fazer mediante chamada radiofônica. A bandeirada custa ao passageiro no mínimo R\$ 5,70, e o quilômetro rodado tem preço fixo de R\$ 2,02.

Muitos não sabem, mas a hora parada ou de espera tem preço fixo. Para os táxis convencionais a quantia é de R\$ 14,50 e para os táxis especiais é de R\$ 25,45. Os taxistas também podem cobrar por volumes maiores de 60x30 cm. Nos táxis convencionais, a tarifa é de R\$ 1,15 e nos especiais de R\$ 2,02.

Também é importante saber que a Superintendência Municipal de Transportes Urbanos (SMTU) fixa tarifas especiais para serem aplicadas em viagens de percursos determinados com pontos de origem, como a Rodoviária Novo Rio, hotéis da Zonal Sul e os dois aeroportos da cidade. Para consultar os valores, acesse o site: <http://www.rio.rj.gov.br/smtr/>.



A relação com os clientes rende muitas histórias